

EDUCAÇÃO COMO CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO DOCENTE



IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV ENLIC SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
II RP SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica
II ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

William de Campos Fedrizzi ¹

Nestor André Kaercher ²

RESUMO

Busca-se a partir de um relato de experiência compreender os fatores que levam a escolha pela docência como profissão. O método cartográfico foi adotado como metodologia de pesquisa, permitindo a imersão do pesquisador no objeto, acarretando em maior riqueza de detalhes, fluidez e liberdade de escrita. O presente texto não visa apenas relatar eventos, mas sim expressar a vivência do pesquisador no processo de escolha pelo curso de Geografia Licenciatura, e, posteriormente, na graduação ainda em andamento. O pesquisador, dessa forma, é também personagem da narrativa que irá relatar. Escolheu-se dividir a escrita em atos, pois dessa forma organiza-se de maneira mais coerente, não necessariamente linear, a maneira particular de sentir a vida acadêmica e os impactos em sua formação como indivíduo. Faz-se a avaliação do contexto social em que o pesquisador se formou, do grupo social ao qual pertence, de suas dúvidas, dificuldades e inseguranças e do sentido da educação e da profissão de professor para o pesquisador-personagem. O artigo se encerra concluindo que a principal ambição do autor com a prática docente é sensibilizar tantas pessoas quantas forem possíveis, uma vez que só é possível aprender quando se permite estar em posição de vulnerabilidade perante o ambiente em que se está inserido.

Palavras-chave: Identidade Docente, Sensibilizar, Educação, Bourdieu.



¹ Graduando do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, mailliwfedrizzi@gmail.com;

² Doutor pelo Curso de Geografia da Universidade de São Paulo – USP, nestorandrek@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Ao escolher um tema para pesquisa, seja qual for, há sempre um interesse subjetivo do pesquisador. Em muitos casos, este interesse é perdido ou mascarado por meio da objetividade científica. O presente artigo não foi redigido desta forma. Nele, o interesse subjetivo do pesquisador, que é também o próprio objeto de pesquisa, está sempre em evidência, pois não haveria outra forma de construir este relato.

Para que fosse possível redigir um relato de experiência, no qual o próprio pesquisador é o objeto e personagem ativo da pesquisa, foi eleita a metodologia cartográfica. Diferentemente de outras metodologias de pesquisa, a cartografia enfatiza o próprio processo de produção, que nem sempre é linear e não é isento de subjetividade. Buscam-se resultados objetivos, seguem-se os critérios necessários para a produção científica, mas as conclusões não são, nem tem a pretensão de ser, imutáveis ou absolutas. Cartografar é mergulhar no meio de pesquisa (nesse caso, a própria história educacional do autor), permitir-se ser tocado pelo objeto, sensibilizar-se e estar disposto a mudar de rota (quando necessário), chegando a conclusões mutáveis e que permitem levantar novos questionamentos. Na presente pesquisa, é um mergulho à memória do redator, ao seu subjetivo, à sua percepção do mundo e de si mesmo. Dessa forma o autor constrói um retrospecto de sua história educacional e busca compreender os seus efeitos em seu processo de formação docente até o atual momento.

O objetivo principal da pesquisa é compreender os processos educacionais que levaram, em alguns momentos, a exclusão do pesquisador dos ambientes formais e informais de educação, por não pertencer a classe socialmente privilegiada, da mesma forma que, ao compreender tais processos de exclusão, o personagem usou-os como motivador para ocupar ambientes até então desconhecidos. Para esta compreensão o autor vale-se de seu próprio relato, narrando parcialmente sua vida escolar e universitária, afim trazer concretude ao referencial teórico no qual se baseia, sendo este a teoria do Capital Cultural, do *ethos* e do *habitus*, de Pierre Bourdieu.

Por fim, valendo-se da dialética experiência/sentido, proposta por Jorge Larrosa Bondía, o escritor concluí que se tornou educador para sensibilizar, no sentido de estimular os sentidos, de tantos educandos quantos forem possíveis, para que, através dessa visão sensível, possam perceber o mundo em que estão inseridos e transformá-lo.

Para fins de contextualização, os eventos narrados a respeito da vida escolar do autor (primeiro ato) ocorreram na cidade de Caxias do Sul, interior do Rio Grande do Sul, durante o período de 2001 a meados de 2014. O início da vida acadêmica (segundo ato) ocorre já na





IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

II RP SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica

II ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

cidade de Porto Alegre, de 2014 a 2016. Há um período de retorno até a cidade natal, Caxias do Sul (também no segundo ato), em 2017, até o retorno para a vida acadêmica e para a cidade de Porto Alegre, em 2024.



PRIMEIRO ATO: A VIDA ESCOLAR E A ESCOLHA DO PRIMEIRO CURSO DE GRADUAÇÃO

Inicia-se a cronologia dos eventos com a inserção no ambiente escolar. A vida escolar do personagem está longe de ter sido uma história de aluno exemplar. Pelo contrário, está muito mais próximo de ter sido uma história de aluno problemático. Oriundo de uma família de trabalhadores, é necessário deixar explícito que, embora tenha tido acesso ao básico para uma sobrevivência digna, como moradia, alimentação e acesso ao sistema de saúde, o acesso à bens culturais foi restrito. Esta restrição, descobriria futuramente, seria crucial para seu sucesso ou fracasso acadêmico. Mas qual o motivo de tal restrição cultural? Os pais do personagem não possuem o ensino regular completo. Embora houvesse um apreço pela educação em seu meio familiar, apreço desenvolvido pela falta, não havia a consolidação do *habitus*³ de estudar, da leitura, da música, do consumo bens culturais de uma forma geral. Bourdieu afirma que

“cada família transmite aos seus filhos mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito” (BOURDIEU, 2007, p. 41-42).

Dessa forma, a escola foi um ambiente desestimulante e desinteressante para o este aluno, que a duras penas arrastou-se até a conclusão do ensino médio.

Contudo o aluno possuía uma certa facilidade em aprender, e não se pode afirmar que a passagem pelo ambiente escolar foi em vão. Além disso, o processo de alfabetização do personagem foi muito bem-sucedido, levando-o a uma grande facilidade em ler, escrever e interpretar. Embora não tenha desenvolvido o hábito da leitura neste período, este sucesso no processo de alfabetização foi fundamental em sua formação educacional. Também é merecedor de ser mencionado que a escola foi um importante espaço de socialização para o personagem, ambiente em que pode desenvolver habilidades comunicativas, vínculos sociais e afetos com seus pares. Embora o pesquisador não lembre deste período de sua vida com nostalgia, reconhece a importância deste momento em sua formação pessoal e educacional.

³ Modo de vida adotado por um determinado grupo de pessoas e transmitidos através das gerações a partir da prática.



No segundo ano do ensino médio o personagem torna-se estagiário, desempenhando a função de mediador de museus. Esta não é necessariamente uma experiência educacional, contudo, foi relevante para o curso de sua formação, pois este foi um momento de “enriquecimento cultural” deste personagem. A ideia de “enriquecimento cultural” aqui não está isenta de juízo de valor. Para Bourdieu, há um conjunto de hábitos implicitamente valorizados pelo sistema educacional e que não estão presentes no currículo educacional, fazendo com que os alunos que não possuem essa cultura (a cultura dominante), este “capital cultural”, sejam excluídos do sistema de ensino, ou tenham seu caminho dificultado (Bourdieu, 2007). Sendo assim, ao utilizar a expressão “enriquecimento cultural” não significa que o personagem não possuía cultura, ou que sua família não a possuía, apenas não possuía aquela cultura tradicionalmente valorizada pela escola conservadora (que é o atual modelo escolar).

Para além da aquisição cultural, foi ainda o momento em que o personagem desenvolveu a habilidade de falar em público e de mediar e contornar situações. Já neste momento era possível identificar o apreço pelo “palco” (é possível afirmar que lecionar é atuar, e que a sala de aula pode ser vista como um palco), porém ainda não estava consolidado o desejo de tornar-se professor. Neste ambiente que se tomou a decisão de ingressar no curso de História Licenciatura, não ainda pelo desejo docente, mas pelo gosto por esta área do conhecimento.

A decisão de ingressar em uma universidade pública nenhuma relação teve com a trajetória escolar, mas sim com afeto. Foi um afeto importante naquele momento da vida do personagem que apresentou a universidade pública para ele – até então o personagem se quer sabia da existência do ensino público universitário. Esta decisão foi um segundo momento de ruptura, pois foi o momento em que o personagem passou a buscar o conhecimento que lhe carecia da trajetória escolar, através de cursinhos pré-vestibular. Mas o evento mais importante deste processo foi o desenvolvimento do hábito de leitura. Neste período, para prestar os vestibulares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Santa Maria foi necessário ler, no período de um ano, 27 obras literárias, presentes nas listas de leituras obrigatórias. Até então o personagem não havia lido 27 obras em toda sua vida. Portanto, mais importante que o conhecimento de conteúdo do ensino básico, foi a aquisição do hábito e do gosto pela leitura. Outro fator significativo é que, pela primeira vez, o aluno teve verdadeiras aulas de Geografia, evento que será discutido no próximo ato.

Este movimento de ingresso no ensino superior coloca este personagem em uma nova realidade educacional, a dos cursos preparatórios para o vestibular, local em que o narrador



passa a desenvolver um genuíno apreço pelo conhecimento em múltiplas áreas. O final deste processo parece, inicialmente, ter sido de sucesso. O autor se torna o primeiro membro de sua família a concluir o ensino médio e a ingressar no ensino superior. Entretanto, este ingresso no universo acadêmico não se daria de forma linear, e é justamente este o ponto principal do desenvolvimento desta narrativa.

SEGUNDO ATO: VIDA ACADÊMICA E A DESCOBERTA DE PIERRE BOURDIEU

O início da vida acadêmica não foi exatamente como planejado, e não levou muito tempo até que o fracasso e posterior evasão ocorressem. Não há aqui problema algum em usar a palavra fracasso. Há um estigma desnecessário sobre esta palavra. Sempre que alguém se propõe a fazer algo e não consegue efetivamente realizar está falhando, ou fracassando, e é um processo comum na construção do conhecimento, da ciência e no cotidiano de qualquer pessoa. Feita esta reflexão, irá se designar como fracasso a primeira experiência universitária.

A primeira experiência universitária teve a durabilidade inferior a um semestre. É neste ponto que é preciso desmembrar os efeitos do capital cultural, em especial o uso da linguagem, na trajetória educacional do indivíduo. O uso da língua, em especial o domínio da norma padrão, é fator crucial para o desenvolvimento educacional de qualquer ser humano, conforme já foi mencionado. É possível ir além e afirmar que o processo de aquisição da linguagem e a alfabetização é a etapa mais importante do desenvolvimento intelectual, pois, como será demonstrado, é pré-requisito para a aquisição qualquer outro conhecimento institucionalizado. Foi mencionado também que o personagem-objeto em questão foi alfabetizado com relativo sucesso. Isto significa ter sido alfabetizado na etapa apropriada e com facilidade. Contudo, o manejo formal da língua foi tardio. Dessa forma, algumas lacunas no processo de interpretação de texto (decodificação, compreensão, interpretação e retenção) ainda eram bastante evidentes neste período. Segundo Bourdieu,

“[...] no ensino superior, os estudantes originários das classes populares e médias serão julgados segunda a escala de valores da classe privilegiada, que numerosos educadores devem a sua origem social e que assumem de bom grado, sobretudo se o seu pertencimento à elite datar de sua ascensão ao magistério” (BOURDIEU, 2007, p. 54).

Ou seja, o primeiro contato com o meio acadêmico foi de frustração. Aos olhos do personagem, era impossível compreender a linguagem acadêmica, a ponto de não conseguir



acompanhar a leitura necessária dos textos para as aulas, ocasionando na evasão em menos de um semestre.

Cabe neste momento, ainda, uma última reflexão sobre a linguagem. Acredita-se que por uma população falar um mesmo idioma existe uma unidade cultural. Esta análise é equivocada, especialmente quando se fala em um país com imensas desigualdades sociais como o Brasil – com um índice de Gini ⁴de 0,539, colocando-o entre os dez países mais desiguais do mundo. A disparidade econômica incide diretamente na disparidade cultural, uma vez que impacta nas diferentes formas e possibilidades de se imaginar a realidade. Logo, a falta de acesso a diversificados ambientes culturais, junto ao conservadorismo escolar, torna o desenvolvimento educacional, e por consequência da linguagem, desigual. Em suma, é possível afirmar que a língua-padrão, para um jovem desprovido de capital cultural, pode soar quase que como estrangeira, pois não há o domínio dos recursos linguísticos.

“[...] a linguagem é a parte mais inatingível e a mais atuante da herança cultural, porque, enquanto sintaxe, ela fornece um sistema de posturas mentais transferíveis, solidárias com valores que dominam toda a experiência, e como, por outro lado, a linguagem universitária é muito desigualmente distante da língua efetivamente falada pelas diferentes classes sociais, não se pode conceber educandos iguais em direitos e deveres frente à língua universitária e frente ao uso universitário da língua sem se condenar a creditar ao dom um grande número de desigualdades que são, antes de tudo, desigualdades sociais.” (BOURDIEU, 2007, p. 56).

Assim encerra-se a primeira etapa da vida acadêmica do pesquisador-personagem-objeto, com uma imensa frustração e um falta de fé em si mesmo. É digno recordar que, evidentemente, o personagem não possuía o conhecimento teórico deste processo que estava vivenciando, este referencial foi adquirido no segundo momento da vida acadêmica. Apesar destes fatores, havia uma certa noção de qual era sua fragilidade, e ambição acadêmica continuava existindo.

A escolha pelo segundo curso de graduação surgiu através de um raciocínio simples, mas eficiente. Ocorre que, tendo consciência de sua fraqueza linguística, o personagem optou então pelo curso de Geografia Licenciatura. O raciocínio era de que, por ser um curso que tratava de temas concretos e do meio físico, a complexidade e o volume das leituras seriam menores. Considerando a etapa inicial do curso, não era uma lógica de pensamento completamente equivocada. O início do curso focaliza na Geografia Física, uma dimensão concreta da disciplina, requerendo um tipo de leitura de maior e mais fácil domínio para o

⁴ Índice de Gini ou coeficiente de Gini é um cálculo matemático cujo coeficiente varia de 0 a 1, criado para mensurar a concentração de renda, sendo que quanto maior o valor, maior a concentração de renda e, por consequência, maior a desigualdade social.



pesquisador. Outro fator que conduziu a esta escolha foi um professor que o personagem conheceu em um curso pré-vestibular. Este professor mudou a perspectiva do objeto da pesquisa sobre a disciplina, despertando um interesse e o desejo de conhecer mais. Além disso, conforme foi mencionado, este foi o primeiro momento em que o personagem efetivamente participou de aulas de Geografia, então havia uma espécie de encantamento pela disciplina.

Não há muito o que relatar desta experiência neste momento. Foi uma experiência bem-sucedida. Conforme as leituras aprofundavam-se, o personagem desenvolvia a linguagem, a interpretação e o pensamento abstrato. Entretanto, existiam outros motivos que levariam ao trancamento do curso, como será visto na sequência.

Antes de dar seguimento na narrativa é preciso destacar o momento de cisão com o antigo “eu” do personagem. No primeiro semestre do curso (no ano de 2015) na disciplina de Sociologia da Educação, o pesquisador leu, pela primeira vez, um texto de Pierre Bourdieu. Esta experiência foi a mais transformadora na vida do personagem, pois permitiu analisar toda a sua trajetória educacional, compreender os mecanismos que atuavam sobre ele, o motivo de seu recente fracasso acadêmico e de seu desinteresse pela escola, e toda sua trajetória passa a fazer sentido. Ler Bourdieu pode ser considerado, aqui, uma experiência transformadora, o tipo de experiência que muda a perspectiva de mundo de forma substancial, não permitindo mais retornar ao estágio anterior. Este é o motivo de Bourdieu ser o autor com quem este texto mais dialoga. Não seria possível relatar a experiência educacional deste personagem sem balizá-la na teoria de Bourdieu. A compreensão de si mesmo, de mundo e de sua trajetória educacional estão intrinsecamente ligadas a compreensão de Pierre Bourdieu.

A partir deste momento o principal objetivo do pesquisador passou a ser adquirir o máximo possível de capital cultural, para poder inserir-se no ambiente universitário, nos ambientes formais e informais de educação, e, principalmente, para desenvolver-se o máximo possível.

Sucedeu que, no terceiro semestre de faculdade o personagem decide trancar seu curso de graduação. Neste momento não mais por insucesso acadêmico. A motivação era externa, vivia-se um momento politicamente conturbado no Brasil (no ano de 2016 o país sofreria um golpe constitucional) e no Rio Grande do Sul (o período aqui referido é de 2014 a 2018, o que não significa que com a troca de governo, em 2018, tenha ocorrido uma drástica mudança na política estadual), que afetava diretamente os trabalhadores da rede estadual de educação, os quais neste período não estavam recebendo seus salários em dia – e não tinham nenhuma perspectiva de torná-los. Neste momento de inseguranças e desencontros com



algumas áreas do curso, o personagem opta por trancar o curso e retornar a sua cidade natal, mas desta vez com a certeza de que retornaria ao ensino superior e que obteria sucesso acadêmico.

O longo período de 7 anos de afastamento (de 2017 a 2024) da vida acadêmica poderia ser um novo ato, intitulado de “vaguear perdido”. Porém, por uma questão estilística e prezando pela objetividade da escrita, será reduzido a uma parte do presente ato. Não houveram experiências educacionais transformadoras significativas para tornar este período em ato isolado, então está inserido aqui apenas como menção de que foi um período utilizado para aprimoramento das habilidades intelectuais, incluindo o estudo de línguas estrangeiras. Para além disso, o que é de fato necessário mencionar é que o pesquisador-personagem estava decidido a não retornar para um curso de licenciatura, e explorou as demais possibilidades de carreiras.

O retorno para o curso de Geografia Licenciatura ocorreu em etapas. Inicialmente decidiu-se por regressar para uma licenciatura, posteriormente para a Geografia. Em um momento de angústia severa, de uma profunda crise existencial, o personagem buscava descobrir o que dava sentido a sua existência. Para que estar trabalhando (em um trabalho que não lhe era prazeroso)? Para que estudar e aprimorar suas habilidades? Para que retornar ao ambiente acadêmico? Antes de decidir qual seria seu curso de graduação, era preciso responder a tais questões existenciais. A resposta para estas questões era: pela educação. O personagem percebe que todo o movimento realizado nos últimos dez anos havia sido para aumentar sua potência, para seu desenvolvimento intelectual, para ampliar seu entendimento da realidade. Neste momento a educação torna-se uma condição de existência, e o pesquisador encontra sua razão de existir: sensibilizar a si e aos demais (tema que será tratado no próximo ato).

A partir de então o pesquisador torna a estudar para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aos seus 28 anos. A decisão por retornar para a Geografia foi prática: retornar para o ponto ao qual havia parado. Do auge de seu esclarecimento sobre si mesmo e sobre a realidade do mundo, sabia-se que era necessário envolver-se o quanto antes com a educação, nesta perspectiva, já no primeiro semestre de seu retorno ingressou no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), visando estar inserido na realidade escolar o mais breve possível.

O PIBID dá ao bolsista a possibilidade de estar inserido no ambiente educacional, fazendo-o refletir sobre as dificuldades da vida docente, mas também sobre os prazeres. O pesquisador-personagem não pode relatar, neste contexto, uma experiência que não é a sua,



mas, para ele, o programa tem sido fundamental para a sua permanência no ensino superior. Não apenas pelo auxílio financeiro, mas por permitir imaginar uma projeção futura como educador, por permitir imaginar-se como um futuro docente. Somos condicionados pelas condições materiais que nos cercam, portanto, projetar-se como um futuro educador é criar um novo caminho, uma nova realidade.

TERCEIRO ATO: SENSIBILIZAR – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sensibilizar é a principal ambição do educador que se constrói a partir do processo até aqui relatado. Sensibilizar, aqui, é tornar sensível, estimular os sentidos para que se possa ser modificado pela experiência. Esta ambição surge da própria construção do personagem, uma vez que só lhe foi possível compreender sua realidade, para então modifica-la, a partir do conhecimento e da aceitação de sua vulnerabilidade perante o sistema educacional.

Para Jorge Larrosa Bondía, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondía, 2002). Ou seja, a experiência, de acordo com o autor, é algo interno, uma transformação do indivíduo, e para que não se possa vivencia-la há uma série de empecilhos impostos pelo mundo moderno, a saber, o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho (Bondía, 2002). Estes quatro fatores se opõe a experiência, pois

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (BONDÍA, 2002, p. 24)

Fazer esta reflexão sobre o que é a experiência, na visão de Larrosa, que vai ao encontro da visão do pesquisador, é necessária para que se possa dar à luz ao que se pensa a respeito do papel de professor para o pesquisador-personagem. Educar é, antes de mais nada, fazer com que o indivíduo reflita sobre o mundo que o cerca, sobre os fenômenos físicos e sociais que lhe ocorrem, e permitir-se ser tocado e transformado por estas experiências, a



ponto de modificar a sua realidade e a de outros. Educar, neste sentido, é também formar um ser político capaz de pensar a respeito de si mesmo e do mundo, atuando sobre ambos. Na perspectiva do pesquisador, não importa tanto que seus futuros alunos conheçam profundamente a Geografia e todos os seus fenômenos. Importa, e muito, que através do pensamento desenvolvido pelo estudo dos fenômenos este aluno consiga interpretar a realidade a sua volta sob à luz da Geografia. Mas para que isso ocorra, é preciso estar em uma posição de vulnerabilidade. Quer dizer, só é possível viver uma experiência quando os “mecanismos de defesa” estão suspensos, para permitir que esta experiência o toque. Portanto, é também papel do professor colocar o aluno nesta posição de vulnerabilidade.

Propor uma educação a partir desta reflexão é, conforme foi mencionado, um reflexo direto da construção deste educador. Ao conhecer Pierre Bourdieu o autor reconhece a sua própria ignorância a respeito de sua própria construção educacional, e permite-se por fim estar vulnerável para ser transformado pela experiência acadêmica, pela nova aquisição de conhecimentos, e, por fim, no momento atual, permite-se sentir a experiência docente, a experiência de educador. Desta forma este educador se constrói, e assim pretende construir outros, para que possam modificar suas realidades, para que não precisem, a tanto custo, passar pelos processos errantes pelos quais o pesquisador-personagem-objeto passou, para que tenham uma experiência educacional digna e tornem-se seres sensíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do desenvolvimento deste artigo foi realizar uma análise, a partir de um relato de experiência, da formação educacional do autor principal e dos caminhos que levaram a construção de sua identidade docente. Para isso, foi utilizada a metodologia cartográfica, para que o autor pudesse explorar com maior liberdade suas experiências pessoais ao longo do texto, mas sempre amparado por referencial teórico adequado. Neste referencial, faz-se uso de autores que foram importantes na construção não apenas da pesquisa, mas da própria identidade do pesquisador, que neste texto atua como pesquisador, como objeto de pesquisa e também como “personagem”, o que justifica também a divisão das partes em atos.

O objetivo era fazer uma reflexão que pudesse contribuir para a formação ou iniciação também de outros indivíduos na docência. Baseando-se na possibilidade de catarse encontrada no texto, já que a história do personagem está longe de ser extraordinária, espera-se, a partir da identificação de outros indivíduos com o relato e com a reflexão proposta, incentivar



docentes em formação e estimular aqueles já atuantes, para que possam praticar a educação sensível em sala de aula.

A visão do autor a respeito deste relato e de suas próprias reflexões oscilou durante os últimos anos e oscilará nos próximos. A pretensão é apenas de levantar a discussão acerca de tópicos considerados relevantes para sua trajetória, e que estarão sujeitos a novas análises e a críticas a partir da publicação do presente artigo.

Por fim, o autor principal gostaria de realizar um agradecimento ao coautor, professor Nestor André Kaercher, por incentivá-lo e orientá-lo ao longo do processo de escrita e também por proporcionar em suas aulas ambiente propício para a discussão e para a consolidação de muitas das conclusões aqui relatadas. Agradeço também ao PIBID por oportunizar o contato com o ambiente escolar, possibilitando assim a construção da identidade docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2007, p. 39 – 64.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Campinas, SP, s/v, n. 19, p. 20 – 28, janeiro/fevereiro/março/abril, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 06/03/2025.

BARRETO, Daniela Jaqueline Torres. OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. Cartografia como método de investigação: traçando linhas. Revista Philologus. Rio de Janeiro, RJ, v. 27, n. 81, p.793 – 809, setembro/dezembro, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/925/1203>. Acesso em: 06/03/2025.

